



Luiz Carlos Sá

SUKIYAKI

Nessa época eu morava no Rio, mas estava sempre em São Paulo ensaiando, fazendo TV ou shows. E a noite era típica de um rigoroso inverno paulistano: fria, garoenta, de ruas por isso mesmo precocemente desertas. Eu sempre me pergunto aonde foi parar a garoa de São Paulo nestes tempos de aquecimento global. Só hoje sei que gostava dela, ou daquela pequena melancolia que ela me causava, uma espécie de saudade longínqua e indistinguível de alguma coisa que eu não havia vivido ainda. Enfim, pensando nisso e naquilo, acabei me distraíndo e descendo a Brigadeiro Luiz Antonio até longe do hotel de onde eu tinha saído – vejam só! – justamente para me embrenhar na garoa que pensava odiar. Minha mais recente paixão era a comida japonesa, então ainda de uma certa novidade para nós, cariocas. Quando dobrei uma esquina e vi o letreiro do restaurante japonês brilhando à minha frente, ouvi soar alto e claro o legítimo canto da sereia do sol nascente e sem hesitar nem pensar no adiantado da hora, entrei. Mesmo para um tempo em que fumar nos restaurantes era usual, o ambiente estava anormalmente enfumaçado. A clientela era composta por uma meia dúzia de retardatários espalhados pelos bancos do bar, todos isseis, nikkeis ou sanseis separados de mim por aquele véu invisível tecido por culturas diferentes. Nas poucas mesas, ninguém. Atrás do balcão e acima do solitário sushiman, uma televisão mostrava cenas que pareciam ser de Tóquio ou de alguma outra grande cidade japonesa. Sentei-me em um dos bancos. O sushiman não fez menção de atender-me. Fiquei ali sem saber o que fazer, percebendo que meus companheiros de balcão pareciam compartilhar algum tipo de tristeza. Seria a garoa lá fora?...Uma voz ao meu lado falou alguma coisa em japonês. Virei-me e dei de cara com a mais brasileira das morenas. Não pude deixar de sorrir, mas ela não correspondeu ao meu sorriso e pareceu-me tão melancólica quanto o sushiman ou seus clientes. Insistiu, agora em português claro: – O senhor vai pedir alguma coisa de comer? Estamos quase fechando.

Passei rapidamente os olhos pelo cardápio e pedi um sushi básico e um saquê quente. Ela anotou o pedido em um bloquinho, destacou a folha e deixou-a no outro canto do bar. Pouco tempo depois o saquê estava na minha frente, mas o sushiman não se movera em direção à tal folhinha de papel, o que para mim era torturante: eu estava com muita fome e a visão daqueles filés de salmão, atum, peixe-serra, robalo e sei lá mais quais peixes estivessem me espreitando por trás daquelas vitrines geladas fazia meu estômago gemer de ansiedade. Como que escutando meus pensamentos, o sushiman finalmente pegou a comanda, leu e deu uma silenciosa e dolorosamente irônica risada de canto de boca. Olhou para mim, como que avaliando quanto culturalmente pobre um ocidental poderia ser, amassou o papel e voltou às suas facas. Fiquei absolutamente perplexo e olhei em volta tentando decifrar na fisionomia dos meus companheiros de balcão o que aquilo poderia significar. Mas antes que eu sáísse do meu estupor, ele limpou com um pano o pedaço de balcão à minha frente e impôs-me uma dupla de sushis absolutamente desconhecidos para mim. Incapaz de reagir diante daquela sucessão de acontecimentos inusitados, tratei de comer o sushi antes que ele o tirasse do mesmo jeito que havia posto. Aquela foi – como eu soube mais tarde – minha primeira e inesquecível enguia. Mal devorei as duas e o sushiman já voltava com outra dupla de delícias, sushis de ikura (ovas de salmão), que eu também jamais havia provado antes. E depois veio o ouriço, a pele de salmão e mais uma meia dúzia de duplas que me introduziram no que realmente podia ser a verdadeira culinária japonesa de sushis.

Mesmo fascinado pelo sabor daquelas novidades não pude deixar de notar que entre uma dupla e outra o sushiman entornava um copinho que ele apanhava cada vez menos disfarçadamente embaixo do bar. À medida que os fregueses iam saindo, suas visitas ao copinho iam aumentando, assim como as minhas aos meus copinhos de saquê quente. Fui prestando mais atenção e percebi que a garçonete de vez em quando tirava uma garrafa de uísque nacional da prateleira. Não tentei decifrar mais esse capricho do cara, que trocava o bom saquê japonês pela certa ressaca daquela particular marca de uísque: já meio zozzo de

tanto saquê e saciado pelos inacreditáveis sushis, pedi a conta. Ele riu de novo sua risadinha lateral e falou alguma coisa para a garçonete. Foi aí que surgiu na televisão um apresentador que, segundo deduzi, ia chamar alguém para fazer alguma coisa... Nosso amigo sushiman parou imediatamente de fazer tudo o que estava fazendo, lavou as mãos e postou-se diante da TV, aumentando o volume. Nela, um homem bem vestido, de meia idade, subiu a um praticável redondo e começou a cantar. A música que ele cantava era a mesma que me fascinara na adolescência, chamada pelos ocidentais de “Sukiyaki”, mas intitulada na verdade “Ue O Muite Arukoo”. Eu pedira então a uma amiga nissei que me ensinasse a letra. Ela a escreveu para mim junto com a tradução em português e com minuciosos detalhes ortográficos, de maneira que eu pudesse pronunciar as palavras com perfeição e conseguisse saber também sobre o que falava a letra. Embalado pelo saquê e pela agradável recordação de adolescência, comecei a cantar baixinho junto com o homem da TV. O sushiman voltou-se para mim, visivelmente espantado. Eu travei de susto, pensando que diabo de gafe eu tinha cometido agora diante do rígido formalismo japonês. Mas para minha maior surpresa ele levou quietamente as mãos ao peito e pediu: – Canta! Canta mais!

Animado e movido pela emoção que ele me transmitia, soltei a voz junto ao cantor da TV, que só um tempo depois eu saberia que era Kyu Sakamoto:

“*Ue o muite arukoo
namida ga kobore naiyoni
omoidasu harunohi
hitoribochi no yoru*”

O sushiman emendou, com uma voz firme e potente:

“*Ue o muite arukoo
nijinda hosi o kazoete
omoidasu natsunohi
hitoribochi no yoru*”

E entramos em dueto:

“*Shiawase wa kumo no ueni
shiawase wa sora no ueni*”

Emocionados ao máximo, terminamos:

“*Ue o muite arukoo
namida ga kobore naiyoni
nakinagara aruku
hitoribochi no yoru*”

Acabada a canção, olhamo-nos ainda surpresos pela súbita

queda do muro que poucos minutos antes nos separava. A garçonete desaparecera como que por encanto e apesar da minha insistência, sério e ainda visivelmente emocionado, ele recusou-se a receber a conta:

– Volte aí. Volte sempre.

E sorriu:

– Da segunda vez eu cobra...

Saí pela noite gelada, tentando encontrar meu caminho para o hotel, ainda abalado e desentendido do agridoce dos acontecimentos.

E hoje mesmo, enquanto escrevia esta coluna, descobri que Kyu Sakamoto, o cantor que vi na TV e que ainda em vida já era uma lenda no Japão, morreu tragicamente em 12 de agosto de 1985 em um acidente de avião. Descobri também que as datas batem e que posso ter estado naquele restaurante pouco tempo depois do dia da morte de Sakamoto, o que explicaria a tristeza reinante. E descobri, enfim, que mesmo para culturas estóicas será sempre duro conviver com nossa humana impotência diante do que manda o destino. Sakamoto foi o Lennon deles.

UE O MUI TE ARUKOO (Ei – Nakamura)

*Ue o muite arukoo, namida ga kobore naiyoni
omoidasu harunohi, hitoribochi no yoru
ue o muite arukoo nijinda hosi o kazoete
omoidasu natsunohi, hitoribochi no yoru
shiawase wa kumo no ueni, shiawase wa sora no ueni
ue o muite arukoo, namida ga kobore naiyoni
nakinagara aruku, hitoribochi no yoru
kanashimi wa hosino kageni, kanashimi wa tsukino kageni
ue o muite arukoo, namida ga kobore naiyoni
nakinagara aruku, hitoribochi no yoru*

(Vamos andar olhando para cima, para não derramar lágrimas
Lembro, em um dia de primavera, a noite solitária
Vamos andar olhando para cima, contando as estrelas borradas
Lembro, em um dia de verão a noite solitária
A felicidade em cima das nuvens, a felicidade em cima do céu
Vamos andar olhando para cima para não derramar lágrimas
Chorando, caminho na noite solitária
Lembro, em um dia de outono, a noite solitária
A tristeza na sombra das estrelas, a tristeza na sombra da lua
Vamos andar olhando para cima para não derramar lágrimas
Chorando, caminho na noite solitária, na noite solitária) 